

UM OLHAR SOBRE A VARIAÇÃO NO GÊNERO EDITORIAL: ASPECTOS FORMAIS E SEMÂNTICOS

Maria Medianeira de Souza*

INTRODUÇÃO

Partindo da hipótese de que o gênero editorial apresenta variações em relação ao padrão jornalístico, este trabalho analisa o editorial prototípico e suas variantes, em alguns de seus aspectos formais e funcionais visando ressaltar, através de suas semelhanças e diferenças, o que os une e o que os separa do que o cânone jornalístico definiu como modelo para esse gênero. Tomou-se como objeto de análise, editoriais que circulam em diferentes veículos de comunicação nacionais, como a *Folha de São Paulo* (FSP), de São Paulo; o *Jornal do Comércio* (JC), de Recife, e as revistas, *Veja* e *Época*. A base teórica vem dos estudos sobre gêneros textuais de um modo geral: Bakhtin (1995), Bazerman (1997, 2004), Miller (1994) e Marcuschi, (2002, 2003a e 2003b); e dos estudos sobre jornalismo: Melo (1992) e Rodrigues (2002).

1 EDITORIAL E GÊNEROS TEXTUAIS

É patente nos estudos lingüísticos atuais, a vitalidade e importância dos estudos sobre os gêneros textuais, dada a certeza de que nos comunicamos através de textos e estes aparecem sob diversos formatos, assumindo diferentes papéis nas mais variadas situações. Todo texto, por sua vez, só se realiza através de gêneros que, na verdade, ordenam as bases da estrutura social. Nessa linha de raciocínio, Miller (1994) afirma que os gêneros “são a parte comunicativa da estrutura social”. Por esse prisma, ao adquirirmos uma língua, fazemos muito mais do que simplesmente dominar formas. Com os gêneros agimos e interagimos socialmente, constituindo o mundo de alguma forma. Um exemplo é a presença maciça da imprensa na vida cotidiana através dos jornais, revistas e televisão e a importância desses órgãos como formadores de opinião junto ao público. Seus textos opinativos e informativos, realizados em gêneros diferenciados tais como o artigo, o editorial, a notícia, a reportagem etc, contribuem decisivamente para a construção do mundo, vez que a sociedade é por eles influenciada.

O gênero editorial, objeto de interesse desse trabalho, situa-se no chamado jornalismo opinativo, em virtude de sua função e de suas condições de produção. Em relação a esse aspecto, pode-se dizer que o editorial está condicionado a um ritual complicado. Ele se destina a traduzir o pensamento, ou a emitir a opinião oficial, do jornal ou revista em que circula, a respeito de um determinado fato ou acontecimento.

Característico do jornalismo impresso, o editorial possui uma localização fixa. No jornal seu lugar é a seção de opinião. Os jornais analisados nesse trabalho, a *Folha de São Paulo* e o *Jornal do Comércio*, não fogem a essa regra. As revistas *Veja* e *Época* também corroboram esse fato ao situarem os seus editoriais em destaque nas páginas iniciais. De acordo com Rodrigues (2001: 132), essa localização pode ser interpretada como “... um

* Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte / UERN, Campus de Pau dos Ferros e aluna da Pós-Graduação em Letras - Doutorado - UFPE.

elemento constitutivo do editorial, pois ela é o lugar da ancoragem ideológica, delimitando a que parte do universo temático do jornalismo ele se refere...”. Uma outra característica do editorial é o fato de ele não conter assinatura que revele sua autoria, traço que o distingue do artigo de opinião, já que sua estrutura textual é praticamente a mesma.

Ele se define como um gênero, ao lado dos outros textos jornalísticos, por apresentar, em sua constituição, os elementos necessários: forma, propósito comunicativo, conteúdo, situacionalidade, público específico e inserção social. É, no entanto, um gênero que apresenta variações, quer quanto ao formato, na relação com o suporte que o veicula, quer em relação ao público a que se dirige.

Situando-se agora nos estudos sobre os gêneros textuais, de um modo geral, pode-se destacar que embora tenha havido, por um determinado tempo, nos estudos dos gêneros, uma preocupação em estabelecer ou identificar categorias taxionômicas, há na atualidade uma concepção de gênero como situado (ERICKSON, 2000, *apud* MARCUSCHI, 2002a), observando-o e entendendo-o na sua relação com a história, a cultura e a sociedade. Passa-se a entender gêneros textuais como atividades coletivas, de natureza dinâmica, situadas em um contexto histórico e social, também dinâmico.

Marcuschi (2002), ao tratar dos gêneros textuais, toma como pressuposto, primeiro, o fato de que a linguagem é um processo de interação entre indivíduos, nos moldes de Bakhtin (1995:109), para quem a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua; e segundo, o fato de que é impossível comunicar-se verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível comunicar-se verbalmente a não ser por algum texto.

Esta visão pauta-se na noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Nesse contexto teórico, a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo (MARCUSCHI, 2002:22). Ao opinar sobre um determinado tema, o editorial constitui-se como uma ação sócio-discursiva, pois diz o mundo de alguma forma e procura persuadir o leitor para entender o mundo tal como apresentado e defendido pelo jornal.

Esse autor (2002:21), ainda chama a atenção para o fato de que, embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que se esteja desprezando a forma, pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções.

Assim, o editorial será aqui investigado como uma ação social, uma forma de agir sobre o mundo, tendo como pano de fundo a concepção de língua como processo de interação. Nesse processo interativo, o editorial tem um objetivo bem delineado atuar sobre o leitor, procurando influenciar sua maneira de ver o mundo, de forma a moldar a sua visão dos fatos, ou de percepção do mundo, de acordo com o ponto de vista defendido pelo jornal ou revista que o veicula. É um texto, pois, predominantemente argumentativo e essa característica norteará a análise formal e funcional que se busca empreender.

2 OS DADOS

O *corpus* desta análise é formado por editoriais da imprensa, de veículos diferentes (jornais e revistas), de circulação nacional e regional. São utilizados como fonte jornais

reconhecidos, em nível nacional, como a FSP, e em nível regional, como o JC, e revistas informativas também de grande aceitação entre os leitores como *Veja*, *Época*.

A presença do suporte jornal se deu em razão de este veículo de informação conter o editorial tido como padrão pelo cânone jornalístico e a presença do suporte revista pelo fato de este trazer o gênero editorial com feições diferentes, inclusive em sua nomeação.

As revistas *VEJA* e *Época* foram as selecionadas por dividirem com os jornais semelhanças formais e semânticas, já que têm também, em linhas gerais, o mesmo objetivo, informar o leitor, mas também algumas diferenças. Foi preponderante a feição do editorial, na primeira, chamado *Carta ao Leitor* e na segunda *Carta do Editor*.

Essas fontes constituem o *corpus* com um total de 12 editoriais, assim distribuídos: 6 pertencem aos jornais: 3 à FSP e 3 ao JC; 6 às revistas: 3 editoriais pertencentes à *VEJA* e 3 à *Época*. Esses editoriais foram coletados em um período de seis meses, compreendido entre abril e outubro de 2003.

Todo o *corpus* foi observado primeiramente em seus aspectos formais: quantidade, origem, autoria etc, com vistas a obter um quadro que permita visualizar semelhanças e diferenças que pudessem vir a ser determinantes no que diz respeito à elaboração do perfil do gênero editorial. Verificaram-se aspectos como circulação, público, periodicidade, autoria, ilustração, assinatura, função do editorialista, título da seção e localização. São apresentados na seqüência aqueles aspectos que foram considerados traços de variação; os demais, circulação, periodicidade e público - funcionaram apenas, por assim dizer, como elementos contextualizadores.

Em relação aos aspectos semânticos, os editoriais foram observados de modo a extrair o que, em um primeiro momento, se apresentou como possíveis variantes para análise, visando ao alcance dos objetivos desta pesquisa. Foram vistos: área, conteúdo, abrangência, título do editorial, vinculação temática e propósito comunicativo. As variantes, *título* e *abrangência*, por exemplo, não se apresentaram como traços relevantes para a análise; em razão disso não figuram entre os traços analisados e apresentados a seguir.

3 A ANÁLISE

3.1 ASPECTOS FORMAIS

Uma cuidadosa observação das categorias de análise selecionadas fez ver que os editoriais dos jornais são o modelo padrão para esse gênero, isto é, a definição de editorial encontrada em dicionários específicos, ou não, e em manuais de jornalismo, é a do editorial jornalístico. Apesar dessa padronização, ainda foram encontradas algumas variações nos editoriais dos jornais que compõem o *corpus*. As variações, contudo, são maiores nos editoriais das revistas.

Por exemplo, o JC traz um *olho* – uma frase em destaque, geralmente extraída do texto que, de certa forma, resume ou ilustra o conteúdo abordado. Em um deles tem-se uma sentença recortada do texto, em dois, uma frase ilustrativa do conteúdo do editorial. As revistas *Veja* e *Época*, logo após o título, apresentam fotos coloridas legendadas, sempre relacionadas à temática abordada, uma variação, com certeza, propiciada pelo tipo de suporte. Seria o *olho* do JC uma tentativa de ilustração aproximando-se, então, das fotos que estão presentes nos editoriais das duas revistas selecionadas? Se não chega a isso, é, no mínimo, uma pequena ruptura com o formato preconizado pelos manuais jornalísticos para a constituição de um editorial.

Em relação à autoria, nenhum dos editoriais jornalísticos analisados explicita essa marca. Embora seja interessante destacar que observando outros editoriais, como por exemplo, o do jornal a *Folha de Pernambuco*, percebeu-se que este traz o nome do editorialista e o seu telefone no Expediente do Jornal. Mas a revista *Época* tem assinada sua *Carta do Editor*. Já a revista *Veja* não traz sua *Carta ao Leitor* assinada e, nesse aspecto, seu editorial assemelha-se aos editoriais dos jornais que não são assinados. A autoria, portanto, está ausente em três dos tipos de editoriais analisados, e presente apenas em um; nesse sentido, a maioria segue o editorial prototípico, ou seja, sem assinatura, logo sem autoria revelada. Mas a *Época*, que tem assinatura, também indica a função do editor na revista, havendo assim uma dupla identificação do redator e um duplo afastamento do padrão estabelecido.

A localização dos textos, todos ocupando um lugar privilegiado nos suportes analisados, isto é, as páginas iniciais, ao lado de seções como Cartas do Leitor, Expediente, Índices, Artigos de Opinião, também foi um dado analisado e comprova que esse traço é constitutivo desse gênero como afirmado anteriormente. O local destinado ao editorial nos veículos de comunicação analisados, e corroborados pela observação em muitos outros jornais e revistas, configuraria uma evidência formal – e até mesmo funcional, dado o fato de que pode ser visto como o lugar da ancoragem ideológica – de que, mesmo com nomes diferentes (*Carta do Editor* na *Época*, *Carta ao Leitor*, na *Veja*) e formatos variados, se trata de um mesmo gênero, o editorial. Se de acordo com Marcuschi (2002, p.21), a forma não é definitiva para identificação de um gênero, mas é evidente que, em alguns casos, as formas determinam o gênero, pode-se afirmar que a localização, se não é suficiente para a definição do editorial, aparece realmente como um aspecto relevante, como um elemento constitutivo, pois tanto os jornais, quanto as revistas, reservam a esse gênero um local de destaque.

Por fim, vale ressaltar uma nota quanto ao título da seção; nos jornais FSP e JC, a seção recebe o nome do gênero, isto é, editorial, na revista *Veja*, chama-se *Carta ao Leitor* e na revista *Época*, intitula-se *Carta do Editor*. Obedecendo ao que prediz o jornalismo, de um modo geral, os jornais FSP e JC assumem o editorial com todas as possíveis implicações que este possa lhes trazer e fazem desse gênero um momento privilegiado para de mostrar suas opiniões a respeito de temas polêmicos da atualidade. A *Veja* e a *Época* parecem não ter tanta certeza, clareza, do gênero que estão expondo porque não definem, ou nomeiam, como editorial e, assim, mesclam um texto que ora opina, ora opina e expõe o conteúdo dessas revistas. Talvez entrem nessa problemática o tipo de suporte e seus objetivos.

3.2 ASPECTOS SEMÂNTICOS

Como ilustração dos aspectos semânticos, pode-se destacar, nesse primeiro momento, algumas observações relativas à área, ao conteúdo específico, à vinculação temática, e ao propósito comunicativo.

Quanto à área, os jornais apresentam, em sua maioria, editoriais abordando questões relacionadas à Economia e Política. São temas ligados sempre a questões que estão na ordem do dia no Brasil, e em alguns casos no mundo. As revistas diversificam o conteúdo dos editoriais em assuntos do momento e em assuntos relacionados ao seu próprio conteúdo, ou seja, às matérias que as compõem. A *Veja* e a *Época* também tratam desses mesmos conteúdos, ou assuntos do momento. Observa-se que há uma coincidência de áreas entre os

jornais FSP e JC e as revistas informativas supramencionadas. As revistas também analisam áreas ditas de interesses mais gerais, o que as aproxima dos jornais nesse aspecto, mas a coincidência não é total porque estas se voltam para seu interior, para seu conteúdo enquanto veículo informativo, ou seja, os editoriais nas revistas, algumas vezes, remetem a reportagens ou artigos que as compõem, fato que não acontece nos jornais selecionados.

Quanto ao conteúdo específico abordado, os jornais, FSP e JC, e as revistas, *Veja* e *Época*, em alguns casos, delimitam um fato do momento dentro de uma grande área de conhecimento: na política, o governo Lula, emprego, segurança pública, reforma previdenciária; na economia, ajuste fiscal, mercado financeiro, crescimento econômico, comércio exterior etc transformam-se em matéria para os editorialistas. Mas essa identidade de conteúdos não gera editoriais semelhantes, vez que os propósitos comunicativos não são semelhantes. Por vezes, as revistas querem chamar a atenção pra um fato que vai ser discutido em destaque na revista e assim o editorial cumpre a função de persuadir o leitor a ler toda a revista, ou pelo menos parte dela. Essas diferenças também repercutem no formato do editorial conforme já apontamos acima.

Em relação à vinculação temática, observou-se que os jornais FSP e JC vinculam seu conteúdo a questões importantes no momento, são discutidas questões atuais, geralmente de interesse coletivo, seja em âmbito internacional, nacional e, algumas vezes, regional ou local, como cabe ao propósito de um editorial tido como padrão. A revista *Veja* também trata de conteúdos de interesses mais gerais e atuais, aproximando-se dos editoriais dos jornais; mas na grande maioria das vezes, esse conteúdo vai ser retomado em alguma reportagem da revista, ou seja, os interesses da revista predominam. Nesse sentido, pode-se afirmar que o objetivo de seus editoriais é, não só convencer o leitor a aderir ao ponto de vista defendido, mas também convencê-lo a ler as reportagens, artigos, notícias, enfim todo o conteúdo da revista. A *Época* traz a maioria de seus textos relacionados a questões polêmicas do momento, assim como os jornais do *corpus*; em apenas um editorial analisado esse veículo apresenta conteúdo vinculado à própria revista. Pelo conteúdo específico enfocado, a *Época* aproxima-se mais dos jornais do que a *Veja*.

Tratando mais especificamente do propósito comunicativo desse gênero, um elemento constitutivo e definidor do que vem a ser um editorial, vale ressaltar que, certamente, todos os aspectos enumerados acima e analisados no *corpus*, contribuem de alguma forma para o alcance dos objetivos pretendidos. Crê-se que tais traços – ilustração, legenda, olho, assinatura - subordinam-se ao propósito comunicativo estabelecido e as variações que ocorrem se dão em função desse propósito. São marcas das condições de produção do editorial, seja no suporte jornal, seja no suporte revista. Por exemplo, quando os jornais definem e nomeiam o seu texto de editorial, assumem claramente a defesa de uma opinião que é institucional, isto é, pertence a instituição Jornal *Folha de São Paulo* ou *Jornal do Comércio*, produzindo, assim, um texto dentro do padrão existente para o gêneros editorial; já as revistas *Veja* e *Época* quando não intitulam seu texto de editorial, pode-se supor que isso ocorre porque percebem que há diferenças em relação ao editorial jornalístico, ou porque acreditam que editorial é um gêneros mais sério, mais profundo e a revista pretende ser mais suave, por assim dizer, ou ainda porque têm propósito comunicativo distinto, isto é, visam, não somente, a expor uma opinião institucional, mas também, a convencer o leitor a ler a revista.

Como tal tem condições de produção diferentes do jornal e se permite fazer variações, especialmente em sua formatação, já que em conteúdo, mesmo sinalizando sempre para seu próprio conteúdo, elas sempre expõe uma opinião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O editorial é um texto predominantemente argumentativo e essa característica norteia toda a sua constituição, desde as suas condições de produção, passando pelo propósito comunicativo, até chegar ao leitor idealizado, ou leitor *médio*, como postula Bakhtin (1995).

O entendimento a partir da análise realizada é o de que esses aspectos, formais e semânticos, determinam a construção desse gênero e as variações que ocorrem vinculam-se ao objetivo, à razão de ser de um editorial, que é convencer alguém a respeito de alguma idéia.

Assim sendo, elementos como as fotos, a assinatura, a abordagem de um tema sinalizando para o conteúdo global do suporte, como se observou na revista *Veja* e também em menor grau na *Época*, ou o *olho do JC* são marcas visuais que procuram seduzir o leitor pela visão, ou seja, atrair sua atenção fazendo com que ele se interesse pelo editorial, pois só com a leitura, só com a participação do outro, o gênero se completa e se faz ação social.

Acredita-se que as variações observadas nos editoriais, *Carta ao Leitor*, da *Veja*, e *Carta ao Editor*, da revista *Época*, não chegam a constituir uma violação ou uma ruptura total do editorial padrão, já que o que os caracteriza, ou os define, enquanto gênero editorial, isto é, sua natureza argumentativa, se mantém.

Se não valem como modelo para manuais de redação de jornais de prestígio, não se pode dizer, porém, que se trata de um outro gênero. Evoca-se, nesse momento, um dos traços característicos dos gêneros textuais como formas de ação social, como formas de agir e interagir socialmente, que é a intergenericidade, a combinação com outros gêneros, surgidas, algumas vezes, das necessidades interativas dos usuários de uma dada sociedade em um momento específico. Assim como há ofícios diversos, conforme os interesses das instituições nas quais esse gênero circula, pode-se propor, também, a existência de variação do gênero editorial, conforme os dados analisados puderam mostrar.

REFERENCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, p.279-326, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995

BAZERMAN, Charles. 1997. The Life of the Genre, the Life in the Classroom. In: Wendy BISHOP & Hans OSTROM (Eds.). **Genre Writing – issues arguments alternatives**. Edwardsville: Southren Illinois University Press, 1997, p. 19-26.

_____. Speech Acts, Genres, and Activity Systems: How Texts Organize Activity and People. In: Charles BAZERMAN & Paul PRIOR (eds.). **What Writing Does and How It Does It: An Introduction to Analysing Texts and extual Practices**. London/New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, cap. 11, 2004, p. 309-339.

DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Ana Raquel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002..

MARCUSCHI, L. A. Cognição, explicitude e autonomia no texto falado e escrito. In: D. MOURA (Org.). **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: Editora da UFAL, 1999.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Ana Raquel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. O papel da atividade discursiva no exercício do controle social. Conferência apresentada **55ª Reunião Anual da SBPC**. Recife/Pe: UFPE, 13 a 18 de julho de 2003.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais. In: **DLVC: língua, lingüística e literatura**. UFPB. João Pessoa: Idéia, 2003b, p. 9-40.

MELO José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3 ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MILLER, Carolyn R. Genre as Social Action. In: A. FREEMAN & P. MEDWAY (eds.) **Genre and New Rhetoric**. London/Bristol, Taylor & Francis, 1994, p. 23-42.

RODRIGUES. A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo. São Paulo: PUC/LAEL, Tese de doutorado, 2001.

SOUZA, Maria Medianeira de. A transitividade no texto jornalístico. In: MOURA, Denilda (org.). **Oralidade e escrita**: estudos sobre os usos da língua. Maceió/AL: EDUFAL, 2003, p. 388-392.

